VERO ARRAP

Anjos Caídos

O Peso da Luz

Romance

A queda começou com uma palavra.

2026

Uma história que procura ajudar

Os lucros líquidos que me couberem como autor com a venda desta obra serão destinados ao movimento LUMARA, para apoiar pessoas doentes e combater a solidão. Quero que esta história tenha continuidade num gesto concreto de cuidado.

Vero Arrap

Para quem encontra coragem para reparar.

© 2026 Vero Arrap
Anjos Caídos — O Peso da Luz
Texto em português de Portugal

Nota sobre a obra

Esta é uma obra de ficção. As figuras celestes, as personagens humanas, os diálogos e os acontecimentos pertencem ao universo literário desta narrativa. O livro não apresenta uma interpretação religiosa como verdade histórica.

Índice

Prólogo — O nome na madeira 5
1 — A palavra riscada 6
2 — A vigília 8
3 — A assembleia sem portas 11
4 — A folha que ficou 13
5 — A última passagem 15
6 — O frio do monte 17
7 — O homem da ponte 19
8 — A cama emprestada 22
9 — A casa de Iset 24
10 — A oficina junto do rio 26
11 — O desenho do campo 29
12 — As duas marcas 31
13 — O lugar de Dagan 34
14 — A tigela vazia 36
15 — O cinto novo 38
16 — O pedido recusado 40
17 — O preço do amparo 42
18 — A noite do pão 44
19 — A escola depois do mercado 46
20 — A casa sem janela 48
21 — O original à luz 51
22 — A assinatura de ninguém 53
23 — O quarto de Iram 55
24 — As mãos de Tovan 57
25 — A cela e a tigela 59
26 — A marca no pilar 61
27 — A água retida 63
28 — Os nomes que faltavam 65
29 — A cadeira vazia 67
30 — A última portagem 69

31 — Aquilo que a corrente levou 71
32 — A noite dos ausentes 73
33 — As tigelas do abrigo 75
34 — A busca na margem 77
35 — O arquivo molhado 79
36 — A praça depois da chuva 81
37 — O direito de discordar 83
38 — A água de todos 85
39 — O que Lia pediu 87
40 — Uma casa por levantar 89
41 — A cadeira junto da porta 91
42 — O peso da madeira 93
43 — O banco de fora 95
44 — O limite do campo 97
Epílogo — A telha partida 99

Prólogo

O nome na madeira

A primeira palavra que a água não conseguiu apagar foi o nome de uma criança.

Encontrei-o gravado num pedaço de madeira, preso entre as raízes de uma figueira. A corrente levara portas, coberturas, animais e o corpo do homem que guardava a ponte. Deixara aquele fragmento. Quatro letras feitas com a ponta de um prego: NARA.

A criança sobrevivera. Sabia-o quando encontrei a madeira. Ainda assim, segurei o fragmento durante muito tempo. Havia nomes para os quais já tínhamos chegado demasiado tarde.

Chamam-me Penemue. Houve um tempo em que o meu ofício era conservar tudo o que os outros esqueciam. Não tinha fome, não precisava de dormir e nunca ouvira o som de um osso a partir-se. Julgava que essas vantagens me tornavam capaz de compreender a existência.

Foi necessário perdê-las.

Escrevo agora numa casa cujo telhado ajudei a levantar. Quando chove, uma das paredes escurece. Tenho de afastar a mesa e pôr um recipiente no chão. A mulher que me empresta este quarto diz que, antes das próximas chuvas, havemos de encontrar a telha partida.

Ela não me chama anjo.

Há noites em que isso me parece uma misericórdia. Noutras, pergunto-me se será a única maneira justa de continuar.

Esta história começou muito antes da cheia, numa sala onde não existiam sombras. Foi nessa sala que um ser luminoso me pediu que alterasse uma frase. Não me ordenou que matasse alguém. Não falou de guerra. Apontou apenas para uma palavra e disse que a verdade, por vezes, precisava de ajuda para ser compreendida.

Eu tinha a mão sobre a página.

Podia tê-la retirado.

Capítulo 1

A palavra riscada

A sala dos registos abria-se para uma extensão sem horizonte. Ali, a luz não vinha de um astro; parecia nascer das próprias coisas. Não havia portas, porque ninguém imaginara ainda a necessidade de impedir uma entrada.

Penemue registava as tarefas dos Vigilantes. Uns acompanhavam o crescimento das árvores, outros escutavam os animais nas primeiras noites do mundo. Aos que observavam os seres humanos fora confiada uma instrução simples: aproximar-se sem tomar o lugar deles.

Lúcifer chegou quando o escriba terminava uma cópia.

Não tinha coroa. Teria parecido um adorno desnecessário. A sua presença bastava para que os outros endireitassem o corpo, mesmo aqueles que não sabiam que o faziam.

— Lê-me a última linha — pediu.

Penemue leu:

— O conhecimento será oferecido, nunca imposto.

Lúcifer apoiou as mãos na mesa.

— E se recusarem aquilo que os pode salvar?

— Poderão recusar.

— Mesmo por ignorância?

Penemue demorou a responder. Lá em baixo, vira uma mulher passar a noite junto do filho febril. Sabia que algumas plantas poderiam aliviar aquela febre. Sabia também que os Vigilantes discutiam há muito a extensão do auxílio permitido.

Lúcifer conhecia a história. Tinha sido ele a ficar perto da casa, até amanhecer.

— Não te estou a pedir que lhes tires a liberdade — acrescentou. — Peço-te que não transformes uma palavra num obstáculo à compaixão.

Apontou para «oferecido».

— Escreve «entregue».

Penemue olhou para a frase. A diferença parecia pequena. A primeira palavra admitia uma mão que se afastasse; a segunda descrevia um gesto já concluído.

— Não posso alterar uma instrução que não é minha.

Lúcifer ergueu os olhos.

— Então regista uma interpretação. A responsabilidade será minha.

Esse foi o alívio que o escriba procurava. Alguém mais sábio assumiria as consequências. A sua mão faria apenas o trabalho da mão.

Riscou a palavra.

Quando Miguel entrou, pouco depois, encontrou-o a secar a tinta. Leu a emenda sem tocar no pergaminho.

— Quem autorizou isto?

Penemue voltou-se para o lugar onde Lúcifer estivera. Estava vazio.

— Foi uma clarificação.

Miguel pousou a cópia original ao lado da nova. Não levantou a voz.

— As duas frases não permitem a mesma coisa.

O escriba podia ainda ter chamado Lúcifer. Podia ter pedido que a decisão fosse discutida perante todos. Em vez disso, alinhou as folhas, escondendo por baixo a primeira versão.

— A intenção é ajudar.

Miguel permaneceu algum tempo junto da mesa. Depois retirou a cópia original e levou-a consigo.

Penemue voltou a olhar para o lugar vazio. Bastava Lúcifer ter ficado. Bastava ter ouvido a pergunta de Miguel.